

Etnografia na guerra: um ensaio sobre pesquisas de campo na Palestina

Ethnography in war: an essay on field research in Palestine

Rafael Gustavo de Oliveira
Birzeit University, Birzeit, Palestina

RESUMO

Realizar trabalhos de campo na Palestina envolve uma série de riscos que devem ser levados em consideração pelo/a pesquisador/a. Estes vão desde a exposição direta à violência praticada pelo exército israelense e pelos colonos armados, até a exposição aos rumores de suspeição relacionados com a presença de agentes de inteligência infiltrados e às possibilidades do desenvolvimento de condições psicológicas relacionadas com ansiedade e depressão. Estes fatores impelem o/a pesquisador/a a refletir sobre estratégias de precaução, relacionadas tanto com sua integridade física e psicológica quanto com a exposição de informações sensíveis, cuja publicização nem sempre é possível – em especial na existência do risco de prisões e mesmo morte de pessoas envolvidas. Para este artigo, apresento quatro relatos etnográficos, ocorridos ao longo de 10 anos de pesquisa de campo *in loco*, sendo quatro destes residindo no país. Busco, com isso, demonstrar como a violência foi constante ao longo dos anos e, também, apresentar mudanças percebidas em campo após a erupção da guerra contra a Faixa de Gaza, iniciada em outubro de 2023 – apontando para como estas mudanças afetaram de forma drástica também a Cisjordânia. Demonstro como dois contextos distintos – um sob ocupação militar, outro em situação de guerra declarada – mas componentes de uma mesma conjuntura social e política, demandam compreensões e adaptações rápidas, por parte de pesquisadores/as, de modo a responder aos imperativos relacionados com as violências em curso.

Palavras-chave: Palestina, Etnografia, Guerra, Metodologia, Violência.

Recebido em 26 de junho de 2024.

Avaliador A: 17 de outubro de 2024.

Avaliador B: 06 de novembro de 2024.

Aceito em 22 de janeiro de 2025.



ABSTRACT

Doing fieldwork in Palestine is permeated by a series of risks that must be taken into account by the researcher. These range from direct exposure to the violence committed by the Israeli army and armed settlers, to the exposure to rumors of suspicion related to the presence of undercover intelligence agents and the possibilities of developing psychological conditions related to anxiety and depression. These factors push the researcher to reflect on precautionary strategies, related both to their physical and psychological integrity and to the exposure of sensitive information, not always possible to be made public – especially when there is a risk of detention or even death of the people involved. For this article, I present four ethnographic examples taken over the course of 10 years of on-site field research, four of which living in the country. By doing so, I seek to demonstrate violence as a constant over the years, and to present changes perceived in the field after the outbreak of war against the Gaza Strip, which began in October 2023 – demonstrating how these changes have drastically affected the West Bank as well. I demonstrate how two different contexts – one under military occupation, the other in a situation of declared war – but which are components of the same social and political conjuncture, demand rapid understanding and adaptation on the part of researchers, in order to respond to the imperatives related to the ongoing violence.

Keywords: Palestine, Ethnography, War, Methodology, Violence.

INTRODUÇÃO

Realizar trabalho de campo na Palestina demanda reflexões específicas, uma vez que a condução de etnografias em ambientes de violência impele pesquisadores a construir e acionar reflexões e posturas dedicadas, informadas por cada local de pesquisa. Entretanto, a violência cotidiana à qual sujeitos locais e estrangeiros estão expostos na Palestina não é o único imperativo cuja consideração se faz importante. Aspectos outros, igualmente componentes do cotidiano em campo, urgem ser igualmente contemplados, como os relacionados com a manutenção da permanência, com a exposição à violência, com a suspeição, com a cautela na exposição de narrativas e de redes de sociabilidades específicas, com a publicização de temas de pesquisa e dados construídos em campo, com a exposição do próprio pesquisador e de seus interlocutores, com crises de pânico e ansiedade, depressão, entre outros.

Tomando a Palestina como referência, trarei alguns apontamentos sobre a condução de trabalho de campo *in loco*, visando refletir sobre tópicos específicos em relação ao contexto local, no que diz respeito à exposição à violência e às reflexões sobre precauções que urgem

ser assumidas. Os apontamentos apresentados estão amparados em pesquisas etnográficas conduzidas pelo período de uma década, à parte de residência no país por quatro anos, e levam em consideração diferenças e adaptações na pesquisa de campo assumidas perante dois contextos distintos. O primeiro leva em conta o ordinário cotidiano sob ocupação militar, já conhecido e amplamente abordado em uma gama considerável de trabalhos publicados ao redor do globo¹. O segundo diz respeito às drásticas mudanças observadas no país a partir de outubro de 2023, com a declaração de guerra pelo Estado de Israel contra a Faixa de Gaza e a intensificação de ações militares na Cisjordânia, onde resido, o que demandou adaptações rápidas e novas reflexões acerca da condução de pesquisas etnográficas (em antropologia ou não) por pesquisadores diversos. Para dar corpo ao texto, apresentarei quatro relatos etnográficos, ocorridos em períodos distintos ao longo de dez anos. Assim, apresento não apenas a violência à qual pesquisadores estão potencialmente expostos, mas, também, as diferentes estratégias e protocolos de segurança assumidos para responder às imprevisibilidades e imperativos cotidianos, sejam estes sob ocupação militar ou em um contexto de guerra declarada.

CAMPO: CHEGAR, FICAR, VOLTAR

Dificuldades encontradas por pesquisadores estrangeiros para a condução de trabalhos de campo na Palestina têm sido reportadas há tempos. Estas envolvem posturas e condutas que vão desde o momento de aquisição de vistos, passando por precauções na estadia até cautelas nos momentos de retorno a seus países de origem². Muitas destas posturas estão relacionadas com políticas israelenses de restrição à entrada de sujeitos conhecidamente relacionados à – ou interessados pela – Palestina. Estas políticas são de amplo conhecimento local e informam ações de visitantes, trabalhadores e pesquisadores estrangeiros interessados no país, sendo também base para a confecção de cartilhas e “manuais” de recomendação de conduta para os momentos de entrada e de saída. Estas recomendações são comumente enviadas por organizações aos sujeitos cuja vinda está relacionada às atividades institucionais destas (universidades, ONGs, entre outras), tendo sido enviadas também a mim pela universidade onde eu estudaria à época, em minha primeira chegada ao campo, em 2014. Dentre os pontos apresentados nestes materiais

1 A bibliografia sobre o tema é enormemente extensa. Contudo, algumas referências importantes podem ser citadas, como Finkelstein (2003), Howell (2007), Masalha (2005, 2009), Matthews (2006), Pappé (2006), Safty (2009), Said (1980), Sayigh (2007).

2 Para entrar na Palestina é necessário visto provido pelo Estado de Israel, sendo este responsável pelo setor de imigração no aeroporto de Tel Aviv além de controlar as fronteiras terrestres com a Jordânia e Egito.

estão sugestões sobre como se vestir na chegada ao aeroporto, como mencionar a instituição com a qual a pessoa estará relacionada, não mencionar, se for o caso, determinadas palavras como “Palestina”, “Gaza” ou “Cisjordânia”, dentre diversos outros pontos. *Grosso modo*, não se recomenda esconder ou mentir sobre os propósitos da estadia (uma vez que o fornecimento de informações falsas a setores de imigração incorre em qualificação de crime), mas sim, buscar não prover informações que podem comprometer a entrada por “razões políticas” – em acordo com o jargão terminológico acionado por estrangeiros e palestinos que relatam tais preocupações. Isto posto, é possível apontar para condutas básicas, também conhecidas e largamente assumidas por indivíduos de nacionalidades diversas. Dentre alguns exemplos possíveis estão a suspensão de contas em redes sociais (visando dificultar a checagem online de atividades que possam apontar quaisquer apoios à Palestina), o apagamento de postagens específicas, o apagamento de contatos telefônicos, o apagamento de conversas em mensageiros, a solicitação de cartas de apoio por parte de embaixadas e escritórios de representação consular, entre outros. Estas posturas são assumidas tanto nas chegadas quanto nas partidas.

Entretanto, seria falacioso afirmar ou deduzir que agentes relacionados a setores de imigração (em aeroportos, aduanas e outros) não sejam tecnicamente qualificados para a condução de atividades que resultarão na autorização ou negação de entrada em um determinado país. Em termos gerais, o controle de entrada e saída de indivíduos em aeroportos, fronteiras terrestres e regiões aduaneiras é bastante informado por preocupações, por parte das agências estatais, relacionadas à fiscalização da entrada de mercadorias, cálculos sobre cotas de produtos e aplicação de tributos, fiscalização sanitária relacionada a materiais orgânicos, controle sanitário (em casos de surtos, epidemias, pandemias e endemias). Há também o controle de trânsito de substâncias e materiais entorpecentes (cujos itens e critérios de quantidade podem variar de país para país), a qualificação dos indivíduos portadores destas substâncias em crimes relacionados ao tráfico de drogas (nacional e internacional). Ainda, note-se o controle de tráfico de pessoas e de animais, fiscalização de autenticidade de documentos de viagem, controle de processos migratórios, entre outros.

Contudo, são comuns (embora não haja regra) os relatos de estrangeiros que tiveram seus vistos negados e/ou foram deportados ao mencionarem propósitos de estadia relacionados à Palestina, o que compõe, em certa medida, a construção de “razões políticas” enquanto um jargão comumente acionado por estrangeiros nas descrições de suas experiências nos momentos de aquisição de visto³.

3 O governo israelense emitiu, em 20 de fevereiro de 2022, uma cartilha de procedimentos dedicada exclusivamente a estrangeiros que almejam visitar e/ou permanecer na Cisjordânia. O espaço, em acordo com a terminologia israelense, é referido como “áreas” ou “Judeia e Samaria” (Israel, 2022). Para consulta: https://hamoked.org/files/2022/1665642_eng.pdf.

De minha parte, conto com quatro vistos de um ano cada, sendo estes emitidos localmente por órgãos israelenses responsáveis. O primeiro destes foi um visto de múltiplas entradas, emitido pelo COGAT (órgão militar estatal israelense responsável pela emissão de documentos na Cisjordânia, instalado no assentamento de Bet El, nos arredores de Ramallah). O segundo, emitido pelo mesmo órgão, fora de um tipo que passou a restringir minha mobilidade para espaços além da Cisjordânia. Esta modalidade de visto leva a inscrição “*Judea and Samaria only permit*” (termo israelense utilizado para se referir à Cisjordânia) e é concedida a estrangeiros alegadamente relacionados com instituições palestinas e residentes no local. Esta restrição de mobilidade caracteriza a completude ou incompletude dos vistos, designados em inglês como “*full*” ou “*restricted*”, sendo o último referido pela comunidade palestina e estrangeira como “*westbank only visa*”⁴. Os dois últimos vistos, incluindo o corrente, foram emitidos através de submissão de requisição junto ao Ministério do Interior da Autoridade Palestina que, por sua vez, submete o pedido ao Ministério do Interior israelense, sem participação direta do requerente – tendo o processo sido mediado pelo conservatório no qual atuo como professor de música. Contudo, antes da solicitação do terceiro visto, após ausentar-me do campo em retorno ao Brasil, foi necessária a aquisição de visto de turismo na chegada ao aeroporto, em Tel Aviv. Na ocasião, o atendente do setor de imigração, tendo meu passaporte em mãos e diante de meus dados em seu computador (posto que minha estadia já consta como relacionada a instituições palestinas, em função dos processos anteriores de visto), argumenta:

Atendente: Vejo que você esteve em Ramallah!

Eu: Sim, estive residindo lá (já levando em consideração seu conhecimento sobre minhas estadias prévias perante dados aos quais o atendente tinha acesso).

Atendente: O que você esteve fazendo este tempo todo?

Eu: Dando aulas de música em um conservatório local e conduzindo minhas pesquisas de mestrado e doutorado.

Atendente: Sobre o que foram suas pesquisas?

Eu: Sobre práticas de ensino de música, mobilidade e construções locais de espaço [também considerando que minhas pesquisas são de acesso público, tal qual a condução de meus trabalhos de campo anteriores, já declarados perante as instituições israelenses – embora não tenha declarado que as construções de espaço e mobilidade eram palestinas, mas sim, “locais”].

Atendente: Seu trabalho é político? Ou melhor, tem alguma relação com política ou ativismo?

Eu: Depende de como se entende política.

Atendente: Seu trabalho é político ou não?

Eu: Pode ser político, a depender da leitura. Pode ser apenas artístico, pode ser que

⁴ Os chamados de *full visa*, são vistos que permitem o trânsito irrestrito de seus portadores entre diferentes espaços. Por sua vez, os *westbank only visa* são aqueles que restringem a estadia e trânsito de seus portadores apenas ao espaço da Cisjordânia. Esta segunda modalidade é emitida quase que de forma unânime apenas para estrangeiros cuja permanência é declaradamente conhecida pelas autoridades israelenses como relacionada à Palestina, na Cisjordânia.

o leitor esteja inclinado a buscar informações sobre práticas de ensino em contextos diversos. Não depende de mim.

Atendente: (hesitando antes de seguir). Planeja ficar quanto tempo, desta vez?

Eu: Inicialmente, os três meses do visto.

Atendente: (hesitando uma vez mais). Ok. Eu sei que você vai aplicar para uma extensão uma vez mais por que você tem trabalho aqui. Então, não deixe expirar o visto e submeta a requisição um mês antes do fim da validade deste. Pode entrar.

(Relato etnográfico 1. Diário de campo, Tel Aviv – Ramallah, 2020).

A dificuldade de distinguir entre checagens e perguntas rotineiras, relacionadas aos tópicos expostos anteriormente e as perguntas relacionadas a “razões políticas” é um fator cuja consideração adquire notória importância para pesquisadores e demais sujeitos estrangeiros interessados na entrada e estadia na Palestina. Contudo, preocupações sobre a entrada não são as únicas levadas em consideração, uma vez que a própria manutenção da estadia, visando a condução de campo extenso (para além de alguns meses ou semanas, na vigência dos vistos de modalidade “turismo”, com máximo de três meses) e visando também futuro retorno, terminam por ser igualmente consideradas. Nesta via, uma série de fatores são levados em conta, como fontes de financiamento de pesquisa (através de bolsas ou agências de fomento), meios de manutenção financeira da estadia (por recursos próprios ou por atuação laboral), cautelas na exposição da pesquisa e posicionamentos individuais em redes sociais⁵. Ainda, busca-se evitar a participação em manifestações públicas (com vistas a não figurar em registros videográficos e fotográficos), evitar encontros com o exército israelense – quando possível – nas suas incursões em cidades e vilas, evitar proximidades nos confrontos entre a população palestina local e as forças militares, dentre diversos outros pontos.

Assim como outros contextos de pesquisa, o campo na Palestina pode ser pensado, também, por um prisma holístico, independentemente do objeto de reflexão construído a partir deste. A exposição a um contexto de violência, que se caracteriza também por mudanças bruscas no cotidiano e que é informado por uma gama considerável de preocupações, cuja constância reflexiva é notória, faz com que o pesquisador se veja compelido a relacionar eventos pontuais a uma conjuntura mais ampla, de forma imperativa. Isto não é uma característica presente exclusivamente na Palestina, as reflexões sobre perspectivas holísticas estão até mesmo nas ementas de formação educacional inicial de pesquisadores em antropologia. Contudo, os pontos aqui expostos, dentre outros, são componentes parciais – mas bastante importantes – das características específicas do campo no país.

Sobre isso, com relação às minhas próprias pesquisas, estas aconteceram e acontecem de forma concomitante à minha atuação como professor de música em conservatórios de música

⁵ Narrativas sobre checagens, por parte de autoridades israelenses, em telefones e perfis de mídias sociais são referidas localmente, por estrangeiros e palestinos, com notável frequência.

locais, o que me proporcionou uma proximidade bastante privilegiada de dinâmicas que, sem a relação formal com instituições palestinas, seriam de difícil acesso⁶. Ao longo de quatro anos em campo, trabalhei como professor de violão clássico no Conservatório Nacional Edward Said, na sede de Jerusalém e, também, no Conservatório Al Kamandjati, onde atualmente me encontro no quadro funcional – lecionando nas cidades de Ramallah, Jenin, Deir Ghassany e no campo de refugiados de Qalandia. Estas atividades laborais não apenas funcionaram e seguem funcionando como fonte de meus recursos financeiros voltados para a manutenção da estadia e condução das pesquisas atuais como, também, se mostraram importantes enquanto recurso para a inserção em dinâmicas cotidianas diversas⁷. Estas dinâmicas vão desde processos de abertura de contas bancárias, aluguel de imóvel com contrato de longo prazo, conhecimento de processos de solicitação de vistos em modalidades diversas, utilização de serviços de planos de saúde, até a composição de políticas de mobilidade em situações adversas, uma vez que se faz necessário o deslocamento entre diferentes cidades para a condução das aulas – fator este que fora drasticamente alterado diante da declaração de guerra em outubro de 2023, como exponho adiante.

Os pontos elencados anteriormente me levaram à reflexão de que, nestes quatro anos residindo no país, minhas pesquisas etnográficas foram bastante informadas pelas dinâmicas cotidianas, mais do que pautadas em eventos específicos. A vida diária, na Palestina, é bastante afetada pela ocupação colonial israelense, seja através das referidas incursões do exército e dos confrontos com este, seja através da violência praticada pelos colonos residentes dos assentamentos na Cisjordânia. Além disso, existe a dificuldade de mobilidade entre diferentes espaços (em função das inúmeras instalações de *checkpoints* militares nas estradas e arredores de cidades e vilas), além de problemas com a distribuição de água potável (uma vez que os recursos hídricos são controlados pelo Estado israelense), frequentes greves gerais e problemas relacionados aos repasses de recursos financeiros – gerando um grave e constante problema inflacionário, com atrasos de salários e retenção de impostos, por parte do Estado de Israel, recolhidos pela Autoridade Palestina. Assim, embora trabalhos com pesquisas de campo reduzidas reportem, com certa frequência, eventos pontuais, também é comum a referência ao cotidiano sob ocupação, que já perdura décadas – operando mesmo como um componente importante nas dinâmicas do ordinário cotidiano local.

6 Minhas atuações como professor de música, especificamente de violão clássico, estão relacionadas com minha graduação em Música, no curso de Composição e Regência, concluído pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

7 Embora tenha contado com recursos de bolsa Capes nas pesquisas de mestrado e doutorado, a pesquisa realizada para meu pós-doutoramento junto ao Departamento de Letras Orientais (DLO) da Universidade de São Paulo (USP) foi completamente sustentada pelos recursos financeiros advindos de minhas atividades laborais junto ao conservatório – mediante assinatura de termo de responsabilidade de condução de pesquisa sem bolsa.

Contudo, ainda que este cotidiano seja informado por estruturas permanentes de controle (de civis, recursos naturais, documentais e financeiros) e por eventos violentos recorrentes, não se pode diminuir a importância dos eventos extraordinários. Dito de outro modo, ainda que eventos de violência sejam componentes da vida local, existem eventos que terminam por se destacar por sua magnitude e pelas consequências mais ou menos duradouras que podem desencadear – a exemplo das retaliações israelenses perante iniciativas palestinas junto à comunidade internacional (em órgãos como a ONU e suas agências) ou dos eventos que tomaram lugar em outubro de 2023. Estes eventos podem ocasionar mudanças significativas no cotidiano local e, por conseguinte, provocar mudanças repentinas nas conduções de pesquisas *in loco*.

CAMPO NA OCUPAÇÃO MILITAR: EXPOSIÇÃO A VIOLÊNCIAS E IMPREVISIBILIDADES

A Palestina é, com notável frequência, referida a partir da situação de ocupação militar colonial em curso, perpetrada pelo Estado de Israel, instituído impositivamente na Palestina em 1948. A ocupação militar, reconhecida pela comunidade internacional desde 1967, instaurada na Cisjordânia e na Faixa de Gaza (até 2005), informa o cotidiano dos sujeitos palestinos e residentes nestes espaços de forma incisiva, além de compor o cotidiano de palestinos provenientes de outros espaços da Palestina, como Jerusalém e 48 (ou, em sua variação terminológica, “dentro” – *Al Dakhel*)^{8 9}. Dentre as diversas facetas da presença colonial israelense na Palestina estão o controle militar da população civil (mesmo nas áreas A, administradas pela Autoridade Palestina), o controle da emissão de documentos de identificação, passaportes e permissões de trânsito para

8 A Faixa de Gaza esteve sob ocupação até o ano de 2005, quando se deu a retirada de tropas e colônias israelenses da região. Desde então, a faixa litorânea se encontra sob bloqueio israelense com controle de recursos, apesar da existência de administração pública palestina. Nos dias atuais, encontra-se no foco de notícias ao redor do globo, em função dos massivos ataques israelenses contra o local e o volumoso número de mortes decorrentes destas investidas.

9 As construções locais de territorialidade e suas componentes identitárias apontam para a Palestina enquanto um espaço único, por sua vez composto por quatro espaços distintos, a saber, Faixa de Gaza, Cisjordânia, Jerusalém e 48 / “dentro” (em árabe, *Al Dakhel*). Estas últimas, em acordo com as categorias locais de territorialidade, referem-se ao espaço que a Comunidade Internacional reconhece, em termos de delimitação cartográfica, como pertencente ao Estado de Israel. O termo “48”, assim, pode ser entendido enquanto uma categoria de tempo que se constrói, também, enquanto categoria espacial e identitária. Nesta via, “palestinos de 48” não são aqueles nascidos neste ano, mas sim, aqueles provenientes e/ou residentes do “espaço 48”. Sua variante “dentro” faz referência ao “espaço de dentro” da Linha Verde, delimitação cartográfica instaurada em 1950, fazendo a separação entre a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, com Jerusalém e “dentro” ao centro. Ver Oliveira (2021).

diferentes espaços (mesmo quando emitidos pela Autoridade Palestina), sujeição das forças de segurança pública da Autoridade Palestina às autoridades israelenses, controle econômico através da imposição de moeda israelense e restrição de repasse de verbas à Autoridade Palestina (oriundos do recolhimento tributário da população palestina da Cisjordânia e Faixa de Gaza)^{10 11}

¹². Também, estão o controle de recursos naturais, controle da malha rodoviária e instalação de vias dedicadas exclusivamente aos colonos judeus (de uso proibido para cidadãos palestinos, as chamadas *apartheid roads*), a manutenção de serviços de inteligência operados por espões infiltrados. Ainda, há a implementação de assentamentos para instalação de colonos, ataques realizados por colonos (majoritariamente armados e amparados por contingente militar), violentas incursões do exército israelense em cidades e vilas (sem distinção entre as áreas A, B e C), imposição de prisões administrativas e encarceramento de adolescentes.

Sendo estes fatores partes componentes do cotidiano local, a exposição a eventos de violência é possível tanto para a população palestina quanto para estrangeiros residentes no país. Com isso, presenciar, experienciar ou inteirar-se de eventos violentos na Palestina torna-se corriqueiro, uma vez que o encontro com a presença militar e de colonos é uma constante inevitável. Ao longo de minha estadia *in loco*, pude colecionar um sem-número de exemplos possíveis de serem apresentados, contudo, alguns ganham destaque no presente texto, em função de fatores componentes de interesse antropológico, como violência, rumores, a construção de estratégias de “previsão das imprevisibilidades”, suspeição e afetos nas relações entre

10 Os chamados acordos de Oslo I e II resultaram de negociações secretas, ocorridas na cidade de Oslo, na Noruega, com vistas a encerrar a primeira *intifada* (revolta popular palestina que eclodiu nos anos 1980). O primeiro fora assinado no dia 13 de setembro de 1993, entre Yasser Arafat (representante palestino) e Yitzhak Rabin (representante israelense), tendo sido mediados pelo então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton. Como resultado destes acordos surge a Autoridade Nacional Palestina (ANP, ou Autoridade Palestina – AP). O acordo previa a retirada israelense dos territórios da Faixa de Gaza e Cisjordânia, visando a criação de um futuro Estado Palestino. Após, um segundo acordo, conhecido como Oslo II, foi assinado nos dias 24 e 28 de setembro de 1995. Este também previa a divisão da Cisjordânia em três áreas, a saber, áreas A, B e C. As áreas A teriam a administração e segurança da Autoridade Palestina, as áreas B teriam administração da Autoridade Palestina e segurança israelense, as áreas C seriam administradas e seguras pelo governo israelense (Oliveira, 2015, p. 114).

11 Ao passo que indivíduos portadores de documentos israelenses gozam de liberdade de trânsito entre diferentes espaços (incluindo-se palestinos de “48” – ver nota 9), palestinos da Cisjordânia têm sua mobilidade restrita apenas a este local. Contudo, pode-se solicitar a emissão de documentos permissivos, que possibilitam o trânsito para “dentro”. Estes são confeccionados pelo COGAT, órgão militar israelense responsável pela emissão de documentos na Cisjordânia (ou, nos termos usados pelo Estado de Israel, nas “Áreas” ou “Judeia e Samaria”). As permissões podem demorar meses para ser emitidas e, com frequência, são negadas. Também, mesmo documentos emitidos pela Autoridade Palestina são submetidos à análise e aprovação israelense. Dentre estes estão certidões de nascimento e óbito, certidões de casamento, passaportes, habilitações de condutores e demais documentos de identificação.

12 Outra decorrência dos acordos de Oslo são os avisos emitidos pelas autoridades israelenses às autoridades palestinas previamente às incursões nas áreas A. A polícia palestina deve retirar-se do local das incursões ou permanecer sem armas. A permanência da polícia palestina é rara, embora haja registros.

pesquisador e comunidade local. A seguir, destaco três relatos etnográficos (sendo dois nesta seção e um abrindo a seção seguinte), adaptados de diários de campo, ocorridos em momentos distintos, com quatro anos de diferença entre cada um, sendo o primeiro em 2014, o segundo em 2018 e o terceiro em 2022 – este último também foi compartilhado em minhas redes sociais, sobre o qual mantive esta versão para o presente texto.

Birzeit, 2014

Cheguei ao campo pela primeira vez, na Palestina, em janeiro de 2014. À época residi em uma pequena cidade chamada Birzeit, onde se encontra a maior universidade local e onde estudaria. Ainda no final daquele mês, pela manhã, fui despertado por sons percussivos que, inicialmente, julguei estarem vindo de uma construção ao lado do prédio onde me encontrava. Contudo, dado o horário, cerca de 6:30 da manhã, estranhei e olhei pela janela. Para minha surpresa, me dei conta de que os sons eram de tiros e bombas de gás e de efeito sonoro, atirados pelo exército israelense que se encontrava a pouco mais de 100 metros da minha localização. Da sacada do apartamento, percebi um grupo de crianças e adolescentes com uniformes escolares, caminhando em direção ao local onde o exército estava e, ao passo que se davam conta desta presença, retrocediam alguns passos. Logo, alguns destes jovens apressaram-se em arrastar um *container* de descartes até o meio da rua, entre eles e os soldados, ateando fogo em seguida.

O exército, por sua vez, cercava uma casa específica, que veio a ser invadida. Em pouco menos de trinta minutos foi possível observar as lojas e mercados com portas fechadas, além de um número considerável de palestinos nas ruas da pequena cidade, confrontando os militares. Cerca de uma a duas horas após o início dos confrontos, pude observar a chegada de uma retroescavadeira que deu início à destruição de uma das paredes da casa que os soldados haviam invadido. Ao final, o exército se retirou da cidade e a população pôde adentrar a construção já comprometida. Neste dia, o exército israelense buscava por duas pessoas, sendo que uma destas fora presa e, a outra, havendo resistido à prisão, teve sua vida ceifada.

Os rumores que se seguiram, narrados por pessoas próximas a mim, foram relacionados com o curto período de estadia na prisão por parte do palestino que fora morto. Nestas narrativas, me fora dito que a pessoa em questão havia sido detida poucos meses antes e sua liberdade, como apontara ele mesmo a amigos e familiares, havia sido garantida mediante um acordo com as autoridades israelenses, na qual o rapaz deveria operar como um *bird* – um pássaro, que, em acordo com as categorias locais, faz referência a espões (podendo estes ser palestinos, israelenses ou estrangeiros). Sua função, assim, seria entregar nomes e adiantar possíveis ações de seu partido político. Entretanto, o jovem havia tornado público este acordo e afirmado que se reintegraria a seu grupo. A informação chegara às autoridades israelenses que, por sua vez, cumpririam uma nova ordem de prisão. Com isso, na noite anterior, as

autoridades policiais palestinas (informadas de antemão pelas autoridades israelenses) foram à casa do rapaz, informando-o da vinda do exército israelense na manhã seguinte. Este, contudo, havia “mandado avisar” que resistiria e apenas sairia de sua casa morto. (Relato etnográfico 2. Adaptação de diário de campo redigido em Birzeit em 2014).

Jenin, 2022

Em dois meses entrarei no meu quarto ano morando na Palestina, à parte das vindas desde 2014, quase dez anos atrás. Desde então, vi muita coisa acontecer. Casas demolidas, incontáveis incursões do exército israelense, conheci gente que perdeu a vida, inúmeros confrontos nos *checkpoints*. Em meu trabalho, desde 2017 e 2018, e agora novamente, dando aulas de música nos conservatórios locais, viajo semanalmente para diferentes cidades. Por vezes é tranquilo, por vezes não é. Uma destas cidades é Jenin, aos sábados. No caminho, paramos para tomar café na estrada e já perdi a conta de quantas vezes “ignoramos” a presença dos soldados israelenses para passar na frente deles e de suas armas até chegar na tendinha do café, em Huwara. Coisas que não saio contando por aí, por diversas razões. Há tempos tenho dito que a Palestina não deve ser romantizada e nem ser usada como trampolim acadêmico e, por isso, evidencio as partes boas daqui, a música, a vida noturna, a paisagem. Já fui perguntado se “não me importo”, mas a questão é mais trazer a Palestina pelas suas dinâmicas cotidianas que são diversas, complexas, contraditórias, boas, ruins [...]. Mas o que está acontecendo em Jenin agora mexeu comigo, desta vez, de forma especial. Quando voltei a dar aulas na cidade tive um aluno de 8 anos de idade. Em um sábado de aulas, dei por sua falta e perguntei o que havia acontecido, e me foi dito que a sua família o havia desligado do programa. A razão? Na quinta-feira anterior, ele, junto com outros alunos, estava na classe de teoria, de tarde, no momento em que o exército israelense invadiu a cidade e provocou tiroteios na frente do conservatório (as manchas de sangue e furos de bala na parede estavam bem evidentes no sábado, quando chegamos). O professor da classe, para proteger os alunos, os levou até outra sala e pediu para que ficassem ali até tudo terminar, mas meu aluno entrou em pânico. Depois do episódio, guardou o trauma do evento e não queria mais ir ao conservatório, que sua cabeça construiu, agora, como um lugar ruim (perfeitamente compreensível) e sua família o desligou das aulas [...].

Os vídeos que têm circulado, do evento, são chocantes. Dezenas de veículos militares invadindo Jenin (já se somam 10 palestinos mortos em dois dias) e causando a evacuação principalmente do campo de refugiados. As cenas das famílias saindo de madrugada para as ruas, com poucas mochilas, crianças, pessoas cadeirantes, com as mãos para cima é estarrecedora [...]. Dessa vez, eu não quis me resguardar com relação às postagens que faço, apenas quis colocar um pouco desta angústia para fora (Relato etnográfico 3. Diário de campo redigido em Ramallah em 2022).

A condução de trabalho de campo *in loco* por períodos prolongados na Palestina é informada por variáveis diversas. Estas vão desde a existência ou não de fomento para a manutenção financeira da estadia, as dificuldades de aquisição e manutenção de vistos de permanência, o domínio de idioma comum ao cotidiano local (árabe ou inglês) e, dentre outros, tal qual presente nos relatos etnográficos expostos acima, também a exposição às consequências das políticas israelenses de ocupação colonial. Sobre isso, Majdi Al-Malki (2011) se refere à Palestina, no que diz respeito à condução de trabalho de campo em Ciências Sociais, como um “*unsuitable environment*”, afirmando que existe, localmente, uma série de fatores sociais, políticos e culturais que acarretam impactos tanto no pesquisador como nos métodos e técnicas utilizadas no processo da pesquisa (Oliveira, 2020, p. 45). Como bem expõe o autor, ainda que situações similares sejam observáveis em contextos sociais diversos, o cotidiano específico da Palestina é, também, acometido por mudanças bruscas, que terminam por demandar adaptações rápidas nas conduções de pesquisas no país. Al-Malki (2011) afirma que:

[...] mudanças no campo significam mudanças nas variáveis e nas relações entre elas.
 [...] Uma mudança rápida significa [também] uma mudança nas hipóteses do estudo. Isso leva subsequentemente a uma mudança nos métodos de pesquisa utilizados¹³ (Al-Malki, 2011, p. 197, tradução nossa).

Esta característica de mudanças bruscas, majoritariamente informadas pelo contexto de ocupação militar colonial (através de incursões do exército nas cidades e vilas, das *shahid*, greves gerais, entre outros), embora de conhecimento comum local, se tornou explícita ao mundo a partir dos eventos ocorridos em outubro de 2023¹⁴. Este evento tornou-se dotado de especial importância, uma vez que informou mudanças drásticas tanto na conjuntura geopolítica relacionada com a região quanto no contexto social e político local. Nesta perspectiva, muito embora seja comum no ordinário cotidiano palestino a erupção de eventos violentos repentinos, a imprevisibilidade de seus acontecimentos não é capaz, em geral, de gerar surpresa. Isto porque,

13 No original: “[...] changes in the field mean changes in the variables and in the relations between them. [...] Rapid change means [also] a change in the hypotheses of the study. This subsequently leads to a change in the methods of research utilized” (Al-Malki, 2011, p. 197).

14 A palavra *shahid* (شَهِيد), em uma tradução livre para o português, pode significar “mártir”. Contudo, embora o sentido etimológico do termo esteja amparado em um léxico de expressão de religiosidade (muçulmana), onde o martírio é entendido em uma relação da morte com um contexto divino, em acordo com a construção e uso local da categoria, “mártir” é qualquer sujeito que perde a vida em função da ocupação israelense. Neste sentido, diferente de referências que apontam a *shahid* como a morte “autoprovocada”, em termos locais esta é a perda da vida em relação ao contexto de violência local. Como exemplo, a *shahid* é anunciada com a morte de palestinos pelo exército israelense de forma direta (tiros, bombardeios ou tortura) ou indireta (ataques cardíacos, greves de fome na forma de protestos, suicídios, entre outros). Ainda, a *shahid* não se restringe apenas à morte do sujeito, mas sim, estende-se ao evento do martírio. Para uma ilustração atualizada, tem-se apontado para as mortes na Faixa de Gaza, em função dos bombardeios e incursões do exército, como *shuhada* (شهداء), plural para *shahid*.

ainda que não seja possível prever com exatidão quando, onde ou como eventos violentos podem acontecer (salvo em algumas exceções), a ocorrência destes é dotada de imperativa frequência¹⁵. Entretanto, alguns eventos terminam por chamar mais a atenção do que outros, seja devido à magnitude destes ou às consequências decorrentes. No tópico seguinte, apresento o quarto relato etnográfico, relacionado com a erupção repentina da guerra e exponho, posteriormente, as mudanças e adaptações ocorridas em campo.

CAMPO NA GUERRA: MUDANÇAS E ADAPTAÇÕES

Jenin, 2023: o dia 8 de outubro e o início da guerra

Na manhã do dia 7 de outubro de 2023, data que se tornara chave para a compreensão dos eventos atualmente em curso na Palestina e no Oriente Médio em geral, acordei cedo, como habitualmente fazia aos sábados, para ir a Jenin, em função do conservatório. Como de costume, ainda sem sair da cama, tomei meu telefone celular e chequei as notícias, com a especial atenção que buscava dar a eventos que pudessem comprometer a ida. Uma destas notícias apontava para os acontecimentos na Faixa de Gaza e, assim, enviei uma mensagem para a secretária da filial do conservatório em Jenin, sem obter resposta – para confirmar ou cancelar a viagem. No dia anterior, havíamos sido informados de que o motorista da instituição não estaria disponível e, com isso, deveríamos ir com uma das vans do transporte público. Com isso, sem a resposta da secretária, me arrumei, tomei meu instrumento, passaporte, e me dirigi até a estação central, onde encontraria dois colegas, uma professora estrangeira e o diretor acadêmico, palestino. Quando estávamos na van, esperando sua lotação para que pudessemos sair, perguntei à colega estrangeira se ela tinha visto as notícias, respondendo que não. Em seguida, perguntei ao outro colega que, tomado de sono, me pediu para repetir a pergunta. Disse que não havia visto nenhuma notícia e que devia ser apenas “mais um dia normal”, sem dar atenção à sutil agonia que eu claramente sentia. Enviei uma outra mensagem à secretária que, desta vez, respondeu confirmando a viagem. Entretanto, cerca de uma hora após nossa partida de Ramallah, ainda tomado por uma estranha sensação de desconfiança, a secretária liga diretamente em meu número, perguntando por que o diretor acadêmico não atendia seu

15 Alguns eventos podem ser mais ou menos previstos, a depender das circunstâncias e local. Exemplo disto são os confrontos que tomam lugar nas proximidades dos *checkpoints* quando ocorrem as *shahid* (ver nota 12). Também, são comuns os confrontos em locais como Bet El (um assentamento israelense instalado nas proximidades de Ramallah, onde está instalado o COGAT (ver nota 8)). Estes ocorrem às sextas-feiras, após a chamada para orações que acontecem no início da tarde.

telefone. Respondi que ele dormia e perguntei o que houve, ao passo que, aflita, perguntou “você conseguem voltar para Ramallah? As aulas foram canceladas, o exército já está nas estradas e a situação está ficando tensa”. Respondi que não, já que estávamos em um transporte público com outros passageiros.

Assim, ao desembarcarmos na estação central de Jenin, já caminhando em direção ao conservatório, percebemos uma massiva concentração de jovens na rua principal, a cerca de 50 metros de nós. Caminhavam em marcha, seguidos por um número bastante grande de pessoas, em direção a uma rotatória que conecta a rua de acesso à cidade, empunhando fuzis, atirando para cima e gritando palavras de ordem. Já deduzindo a relação desta manifestação com os eventos na Faixa de Gaza, apressamos o passo para não sermos fotografados, confundidos com colonos ou eventualmente atingidos por algum dos projéteis. Ao chegar no conservatório, fomos informados de que precisaríamos voltar em cerca de uma hora, tão logo a multidão se dispersasse. Ao mesmo tempo, percebíamos manifestações de euforia e entusiasmo, por parte dos colegas palestinos, que diziam frases como “eles entraram! Vão libertar a Palestina!”. Contudo, em pouco menos de trinta minutos, a sensação de euforia se tornara, de forma explícita, em angústia e silêncio. “É... a resposta israelense vai ser forte...”, disse um colega palestino. O retorno foi dotado de tensão, silêncio e olhares atentos ao caminho, já que o exército bloqueara rotas, colonos se faziam presentes nas estradas atacando veículos e confrontos com soldados podiam ser percebidos, principalmente na entrada de Ramallah, em Bet El, nas cercanias de um campo de refugiados chamado Jalazone. Minha angústia matutina se confirmara, assim como a predição de meu colega, já que a violenta e massiva resposta israelense perdura até o momento em que redijo estas linhas, ainda situado em Ramallah e ainda sem ter voltado à Jenin (Relato etnográfico 4. Adaptado de diário de campo redigido em Ramallah entre 2023 e 2024).

Considerando-se os conseguintes ataques israelenses contra a Faixa de Gaza, o aumento massivo da presença militar na Cisjordânia e as investidas de colonos contra a população civil palestina, mudanças radicais no cotidiano local foram notadas¹⁶. Dentre inúmeros pontos se podem apresentar alguns como o aumento de greves gerais (comumente declaradas em função das *shahid*), cidades com entradas bloqueadas, malha rodoviária alterada (ocasionando a busca de trajetos alternativos para evitar o encontro com colonos e exército), a adoção de dinâmicas laborais na modalidade *on-line* em função das dificuldades de trânsito. Ainda, se notou a evacuação massiva de sujeitos estrangeiros (majoritariamente europeus, empregados em ONGs internacionais), recomendações para não se permanecer fora dos lares entre às 22h e às 6h do próximo dia (em função da constante presença do exército israelense nas cidades),

16 Para uma melhor compreensão da conjuntura sob a qual a guerra tem início, recomenda-se a leitura do artigo intitulado “Gaza: da tempestade de Al-Aqsa ao genocídio”, publicado por Bárbara Caramuru Teles e Helena Manfrinato Othman (2024).

sugestões para estoque de comida e medicamentos frente a potencial declaração de toques de recolher e o bloqueio das cidades, ocasionando dificuldade no transporte de alimentos, remédios e bens gerais, entre outros. Também, as dinâmicas sociais locais foram drasticamente alteradas, ocasionando o aumento de concentrações em forma de protesto e, ao mesmo tempo, a diminuição de práticas de lazer com o fechamento temporário de bares, restaurantes e cafés, além da diminuição voluntária de consumidores e frequentadores em estabelecimentos desta ordem e suspensão de atividades diversas – como aulas presenciais e eventos públicos.

Nesta mesma conjuntura, se observou um aumento considerável do índice de desemprego, com especial consequência para palestinos trabalhadores em instituições israelenses (onde processos de demissão foram largamente referidos). Foi possível notar o surgimento de relatos e registros em vídeo (a partir de filmagens de câmeras de segurança) de assaltos a bancos, lojas e estabelecimentos diversos, praticados por palestinos, na Cisjordânia, assim como o aparecimento (até então bastante esporádico) de crianças vendedoras de balas e doces nas ruas e, também, de pedintes. Muito desta nova conjuntura passou a ser atribuído, pelo menos entre minhas redes de amizade mais próximas, ao aumento do desemprego, às consequências econômicas com a repercussão inflacionária e demais fatores contribuintes.

Nesta mesma via, sendo os processos de pesquisa compostos pelas dinâmicas cotidianas locais, estes foram igualmente afetados. A assunção de novos tópicos de discussões nas narrativas locais tornou-se fator imperativo, informando, inclusive, as reflexões que norteiam o presente tópico. Não apenas a mudança nos debates locais assumiu um papel importante no interesse comum, como, também, checagens frequentes a familiares e amigos passaram a ser parte componente do cotidiano, com especial enfoque no primeiro mês após a declaração de guerra por parte do Estado israelense. Com isso, observou-se que pesquisadores diversos, palestinos ou estrangeiros, encontraram-se em uma espécie de suspensão das pesquisas previamente em curso, caso estas não fossem, de algum modo, relacionadas diretamente à nova realidade local. Isto ocasionou não apenas atrasos em pesquisas como, eventualmente, a própria interrupção destas – como no caso dos pesquisadores estrangeiros evacuados após chamados de suas respectivas instituições, universidades (sob risco da perda de bolsas e desligamentos), embaixadas e/ou escritórios de representação consular.

Outro aspecto de igual importância foi o surgimento de narrativas locais que passaram a apontar incertezas sobre o curso dos eventos. Dito de outro modo, ao questionar o que sujeitos palestinos esperavam acontecer em seguida, respostas de incerteza e insegurança se tornaram praticamente unânimes. Isto informou, também, tomadas de decisão sobre a permanência ou não, para o caso de estrangeiros que não foram incluídos nas políticas de evacuação de seus países. De certo modo, esta observação terminou por “colocar em xeque” o domínio do conhecimento acerca da conjuntura social e política local, seja por parte de estrangeiros

ou mesmo de palestinos. De minha parte, entendi que a permanência foi possível, desde que assumindo uma série de medidas de precaução e segurança, como a diminuição do trânsito em estradas (salvo por necessidade), a diminuição exponencial de compartilhamento de notícias e posições pessoais em mídias sociais, a adoção da recomendação de estocagem de medicamentos de uso contínuo dos quais necessito e alimentos nos primeiros meses, entre outros.

Para o conservatório onde trabalho, as aulas presenciais continuaram apenas na sede de Ramallah, sendo assumidas na modalidade *on-line* nas filiais de Jenin, Deir Ghassany e do campo de refugiados de Qalandia. Para esta última, as aulas presenciais foram retomadas em meados de março de 2024, sob checagem prévia do caminho e do local, que se encontra a cerca de trezentos metros de distância do maior *checkpoint* da Cisjordânia (*Qalandia checkpoint*), na entrada para Jerusalém – palco de inúmeros confrontos entre palestinos e o exército israelense. Também, checa-se a incidência ou não de eventos nos dias ou horas anteriores, uma vez que campos de refugiados são espaços visados nas incursões militares. As aulas em Deir Ghassany foram retomadas em meados de abril, após um período de relativa estabilidade no caminho, considerando-se a presença de um importante assentamento de colonos judeus israelenses nas cercanias. Entretanto, o corpo docente esteve presencialmente no local em apenas duas ocasiões, uma vez que o encontro com soldados e o exército (durante confrontos) foi inevitável. As aulas presenciais, assim, voltaram a ser suspensas até segunda ordem. Para Jenin, as aulas presenciais seguem suspensas até o momento em que redijo estas linhas, em junho de 2024. Com vistas à realização dos exames de banca dos alunos desta filial, houve o planejamento da ida à Jenin no final de maio deste ano, contudo, a viagem fora suspensa no dia da partida, pela manhã, em função de violentos eventos que tomaram lugar na cidade na noite anterior. Os exames foram postergados, também até segunda ordem. Por fim, também de minha parte, a condução da pesquisa pós-doutoral (já finalizada) encontrou-se, de certo modo, “paralisada”. Atribuo a isto, ainda que de forma incipiente, três fatores principais; 1) as drásticas e repentinas mudanças nas dinâmicas de mobilidade e sociabilidade; 2) a imperativa mudança nos temas de debate locais, que colocaram discussões outras em uma espécie de “segundo plano”; 3) a própria afetação emocional que se tornou percebida de forma bastante generalizada, trazendo à tona quadros de depressão, ansiedade, tristeza e preocupação, tanto por parte da comunidade palestina como por parte dos estrangeiros residentes no local. A afetação emocional e o domínio de leitura da conjuntura local em contextos de violência, assim, podem e devem ser tomados como ponto central não apenas na condução de pesquisa de campo, mas, também, como fatores importantes na confecção de textos científicos resultantes de investigações e, para o caso deste texto, com especial atenção para aquelas amparadas em etnografia *in loco* enquanto aporte metodológico.

Pensar a Palestina sob ocupação em uma mão e, em outra, durante o curso de uma guerra declarada é, certamente, pensar a “mesma Palestina”. Entretanto, é de suma importância

considerar o contexto atual enquanto fator substancial de mudança na condução de pesquisas, uma vez que o já instável ambiente – como trazido por Al-Malki – tornou-se ainda mais incógnito, demandando leituras e adaptações ainda mais rápidas e, ao mesmo tempo, mais precisas, informadas pelo contexto de guerra em curso.

SILÊNCIO E PRECAUÇÃO

De um lado, permanências prolongadas em campo, onde quer que ocorram, podem alocar pesquisadores em lugares privilegiados no que diz respeito à composição e posterior percepção de dinâmicas sociais e sentidos produzidos a partir destas que, de maneira geral, podem não ser alcançadas em estadias mais curtas – relativamente comuns na Palestina. Por outro lado, localidades informadas por contextos de violência podem explicitar aspectos relevantes sobre as composições de dinâmicas locais que, a depender da complexidade do tema, não podem e nem devem ser expostos – e, assim, publicizados em forma de textos, sejam estes acadêmicos ou não. Esta observação é relativamente comum também com relação à Palestina. Com isso, uma série de eventos e narrativas são construídos e entendidos como sigilosos, se relacionados à exposição de determinados sujeitos – e suas redes de sociabilidade. Isto se dá porque a publicização de determinados acontecimentos, narrativas e posições políticas pode acarretar danos aos envolvidos, sejam estas relacionadas ao contexto de violência ou não – a exemplo da possibilidade da perda de oportunidades de trabalho, do “julgamento social” (replicando-se as categorias locais que descrevem uma “sociedade muito conservadora”), da perda de direitos, da possibilidade de morte ou prisão dos envolvidos em eventos políticos – sejam estas prisões, por vezes arbitrárias, efetuadas pelas autoridades israelenses ou mesmo, em alguns casos, pela Autoridade Palestina.

Sobre as prisões efetuadas pelas autoridades israelenses, podem-se destacar os recentes – mas não novos – casos dos palestinos presos em função de suas meras posições compartilhadas em redes sociais sobre as mazelas das políticas coloniais ou sobre o curso da guerra contra a Faixa de Gaza. Foi o caso da professora e ativista feminista palestina Nadera Shalhoub-Kevorkian, docente na Universidade Hebraica de Jerusalém, que fora presa no dia 18 de abril de 2024 e tivera seu cargo na universidade revogado. A acusação que recaiu sobre a docente fora relacionada com pronunciamentos feitos por esta a uma transmissão de *podcast*, onde buscara desmentir acusações contra palestinos e sobre os eventos do dia 7 de outubro de 2023 que, para ela – de forma condizente com a opinião pública palestina – são falaciosas. Ainda, em suas falas, a professora afirmou que o sionismo deveria ser abolido – uma vez que é percebido como uma

forma de racismo, informando uma estrutura de Estado (o israelense) etnocêntrica. O periódico israelense *Times of Israel* publicara uma matéria sobre o caso, expondo esses pontos da fala de Nadera: “israelenses se sentem amedrontados quando passam do lado dela ou a escutam conversando em árabe no telefone”. Ela segue afirmando; “mas eles deveriam sentir medo, porque criminosos estão sempre com medo. É hora de abolir o sionismo [...]”. Também, ela afirmara que “eles [os israelenses] usarão qualquer mentira. Eles começaram mentindo sobre os bebês [decapitados], continuaram com o abuso [sexual] e continuarão com um milhão de outras mentiras. Nós paramos de acreditar neles, espero que o mundo [também] pare de acreditar” (Fiske, 2024, tradução nossa).

Outro periódico, o jornal britânico *The Guardian*, publicou uma matéria sobre o caso, revelando que, segundo advogados e pessoas próximas a Nadera, esta teria sido revistada despida, algemada (com algemas apertadas, causando dor), teve acesso negado a comida, água e medicamentos por várias horas e, também, fora detida em uma cela fria sem roupas adequadas ou cobertores (Graham-Harrison; Kierszenbaum, 2024). A docente fora posteriormente readmitida na Universidade Hebraica de Jerusalém, após protestos, dando seguimento às suas atividades acadêmicas.

Observe-se, contudo, que as alegações e posicionamentos de Nadera são referidos globalmente, sendo compartilhadas por simpatizantes da Palestina e críticos das políticas militares e coloniais sionistas – além de não dizerem respeito a assuntos privados ou comprometedores, seja da segurança individual de sujeitos, seja de segurança nacional. Ainda, outro caso similar fora reportado pelo periódico israelense *Haarezt*, na versão em hebraico, em matéria publicada no dia 15 de maio de 2024 relatando que o Ministério da Educação israelense convocou, para depoimentos, a professora de ensino médio Sabrin Masrava, da cidade de Gani Tikva, após esta ter sido reconhecida em vídeos compartilhados em mídias sociais enquanto participava de uma marcha em memória à *Nakba*¹⁷. Segundo a matéria,

O Ministério da Educação convocou para uma depoimentos uma professora do ensino médio em Gani Tikva, que foi gravada participando ontem (terça-feira) [14 de maio] de uma marcha para lembrar o Dia da Nakba, em Shafaram. A professora Sabrin Masrava foi convocada ao Ministério da Educação depois que alunos da escola e seus

¹⁷ *Nakba*, palavra árabe que, em tradução livre para o português pode ser entendida como “catástrofe”. Faz referência aos eventos que tomaram curso na Palestina no dia 14 de maio de 1948, dada a instauração impositiva do Estado de Israel em território palestino nesta data. Na ocasião, cerca de 800 mil palestinos foram forçosamente deslocados de suas casas, movendo-se para outras cidades ou países vizinhos, dando início à questão do refúgio palestino. O número de deslocados varia de acordo com as fontes consultadas, estando referido entre 750 mil a 850 mil. Ainda que as celebrações sobre a Nakba aconteçam anualmente no dia 14 de maio, trabalhos apontam para uma *Nakba* não localizada temporalmente no ano de 1948, mas sim, constante, sendo presente nos dias atuais – tanto no que diz respeito à catástrofe ainda em curso, em função da ocupação colonial israelense (Ali, 2013), quanto pela construção narrativa do evento e pela construção cotidiana do termo.

pais reconheceram sua imagem em registros da passeata distribuídos nas redes – e pressionaram para que ela fosse retirada da escola. Nos apelos enviados pelos pais ao Ministério da Educação, afirma-se que a documentação inclui palavras inflamadas que ela proferiu contra o Estado de Israel (Khoury; Kadri-Ovadia, 2024, tradução nossa).

Contudo, em entrevista ao periódico, Masrava afirmara que “em todos os anos em que participei na marcha nunca houve queixas contra mim, este é o segundo incidente desde o início da guerra” (Khoury; Kadri-Ovadia, 2024, tradução nossa).

Estes eventos, dentre inúmeros outros similares, levaram ao surgimento, perante a opinião pública palestina, da relação das prisões e convocações para depoimentos com uma espécie de silenciamento, componente das políticas israelenses que visam ofuscar e punir expressões políticas de apoio à Palestina ou de condenação às atitudes do Estado de Israel e suas políticas segregacionistas e coloniais. É nesta via que se observa como uma série de cautelas e precauções têm sido assumidas não apenas na expressão pública de posições políticas, mas, também, na própria condução de pesquisas científicas. Isto se deve à observação de que, não raro, pesquisadores (e estrangeiros em geral) são submetidos pelas autoridades israelenses a checagens de suas atividades *on-line*, o que pode envolver tanto postagens e interações em redes sociais como, também, publicações em periódicos jornalísticos e trabalhos acadêmicos. Estas checagens são mais comumente realizadas nas entradas, no momento de aquisição de vistos, ou saídas.

No caso destas publicizações desagradarem as autoridades responsáveis, as consequências podem ir de detenções a deportações, que podem vir acompanhadas de banimentos por longos períodos – em geral, de até dez anos, dificultando ou mesmo impossibilitando o retorno ao campo e planos de estadias prolongadas. Também, dentre outros fatores de igual importância, estão os rumores acerca da presença de espiões, estejam estes a serviço do Estado de Israel ou mesmo da Autoridade Palestina. *Grosso modo*, as narrativas que apontam para as atividades destes sujeitos fazem referência a buscas pelo mapeamento de atividades de naturezas diversas – sendo estas desde organizações políticas até ações de guerrilha ou, ainda, relacionadas a oposições partidárias, no caso da Autoridade Palestina.

A existência de serviços de inteligência, com agentes infiltrados, é uma realidade observável ao redor do globo, estando longe de ser exclusividade do contexto palestino. Entretanto, esses agentes e as consequências de suas atividades (como prisões repentinas) são fatores componente do cotidiano local, informando sentimentos comuns de suspeição e rumores especulativos. Frases como “será que tal pessoa é espiã?”, “certamente ela/ele é um espião”, ou mesmo acusações em tom sarcástico como “acho que você é espião!”, dirigidas para sujeitos diversos (em especial para estrangeiros) são comuns. As especulações sobre quem pode ser um potencial espião informam não apenas rumores, mas ações sociais de sujeitos, já que, por um lado,

a suspeição provoca cautelas nas conversas com pessoas desconhecidas, a depender do tema em questão, assim como estas cautelas podem ser assumidas por estrangeiros já familiarizados com tais dinâmicas. “Ele/ela pergunta demais! Não me sinto confortável em conversar” é, também, afirmação frequente e isso faz com que a mediação das palavras, perguntas e temas torne-se corriqueira por parte de estrangeiros (quando a par de tais dinâmicas), salvo quando gozam de intimidade e confiança com suas contrapartes.

Quando descobertos, as punições aos espiões, em especial àqueles que provêm informações às autoridades israelenses, são severas. Contudo, vale observar que, desde outubro de 2023, esses sentimentos suspeita têm aparecido com mais frequência e, nesta via, há mais resguardo com respeito à interação com estrangeiros, especialmente com relação aos recém-chegados e sem contar com redes de sociabilidade – e confiança – consolidadas. Para estes, em geral, respostas genéricas ou de conhecimento público são dadas, evitando-se, assim, adentrar em assuntos mais sensíveis. Esta observação, note-se, não é regra, contudo, é largamente assumida, inclusive por estrangeiros residentes no local por períodos mais longos – preocupados com sua exposição e manutenção da estadia. As dinâmicas de suspeição e especulação, sendo um papel importante nas interações sociais locais, assumem um lugar importante nas reflexões sobre o pesquisador em campo. O que, como e quando perguntar são questões hora latentes, hora imperativas, levadas em consideração nas conduções de pesquisa, buscando-se não apenas evitar o desconforto para com seus pares mas, também, evitar que a possibilidade da suspeição recaia sobre o próprio pesquisador.

Muitos eventos, nesta via, ainda que sejam componentes importantes das dinâmicas sociais locais no tempo corrente, não são expostos e, por conseguinte, não são publicizados, terminando por serem alocados, por vezes, em um tipo de “arquivo Histórico” a ser “descoberto” *a posteriori* – em função da extrema cautela assumida que visa a manutenção da segurança, liberdade (em relação a encarceramentos e investigações) e da própria vida, de forma imediata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discussões sobre a relação entre o dito e o feito podem ser entendidas como parte constituinte da construção da disciplina antropológica, tal qual o sentido apresentado por Mariza Peirano (2002). A autora ressalta a relação entre o que se faz e o que se fala, considerando o dito como feito, a partir de uma abordagem de performances rituais.

Em suma, os trabalhos aqui apresentados focalizam o que os sujeitos fazem, tanto ou mais do que dizem fazer. Parte-se da perspectiva durkheimiana que vê nos cultos

rituais verdadeiros *atos de sociedade* nos quais são reveladas visões de mundo dominantes de determinados grupos. [...] Um outro ponto merece destaque: a fala é um evento comunicativo e deve ser colocada em contexto para que seu sentido seja compreendido. Não é possível, portanto, separar o dito e o feito, porque *o dito é também feito*. Considerando-se esta dimensão básica, é preciso então ressaltar que a etnografia é bem mais que um mero descrever de atos presenciados ou (re)contados – a boa etnografia leva em conta o aspecto comunicativo essencial que se dá entre o pesquisador e nativo, o “contexto da situação”, que revela os múltiplos sentidos dos encontros sociais (Peirano, 2002, p. 10-11).

Ainda que seja possível, através da etnografia enquanto aparato metodológico, perceber os referidos sentidos dados a partir dos encontros sociais, o acesso ao que a autora refere como “contexto da situação” pode informar “ditos e feitos” que, por sua vez, a depender do contexto em questão, não devem (ou, não podem) ser explicitados. Ainda que feitos e narrativas verbalizadas nem sempre componham atos de contravenção legal, contextos como o da Palestina são compostos por represálias por vezes orientadas por posicionamentos políticos ou mesmo por tabus componentes das sociabilidades locais – muitas das vezes referidas como “tradição” e “cultura local conservadora” – em referências a temas como gênero, família, religião, entre outros. Também, são assumidas precauções por parte de pesquisadores residentes no país no que diz respeito à sua própria exposição, uma vez que, a depender do conteúdo e do alcance do material publicizado, pode-se enfrentar dificuldades relacionadas à permanência, com especial enfoque à manutenção de vistos, por exemplo, como antes exposto. De todo modo, estadias *in loco* por períodos mais prolongados são capazes de explicitar aspectos do cotidiano palestino que dificilmente são referidos em produções amparadas em estadias mais curtas. *Grosso modo*, são publicados trabalhos que abordam aspectos já publicizados e, neste sentido, globalmente conhecidos, a exemplo das consequências das políticas coloniais israelenses, que tomam corpo a partir do aparato da ocupação militar, da presença de colônias, do controle dos recursos naturais e das malhas rodoviárias, da economia, dos processos históricos, dentre outros.

Isto posto, dentre as várias possibilidades metodológicas assumidas para a condução de trabalhos de campo, aquelas que colocam o pesquisador mais ao centro podem se fazer interessantes, uma vez que, em campo, este passa a ser parte componente de relações sociais locais, tornando possível a confecção de reflexões acerca de dinâmicas comuns ao seu cotidiano – sendo estas também parte do cotidiano dos sujeitos com quem nos relacionamos. De minha parte, procuro apresentar reflexões acerca da minha vida diária e do que se produz a partir da convivência cotidiana com redes de sociabilidade construídas *in loco*. Também, ainda que eu busque não nomear esta abordagem metodológica enquanto autoetnografia para minhas pesquisas, esta é um recurso metodológico de interesse, a depender do tema a ser abordado, podendo ser apropriada para contextos sociais informados por violência e que, assim, demandam precauções e cautelas específicas – como a exposição de terceiros, uma vez

que coloca o pesquisador nos holofotes das reflexões teóricas. Sobre isso, o antropólogo Rami Salameh (2023), professor da Universidade de Birzeit, Palestina, apresenta reflexões acerca da importância de abordagens autoetnográficas no referido contexto. Para ele:

A violência nesta parte do mundo não é algo a ser encontrada, ou seja, não é um acontecimento, mas uma estrutura, uma forma de se viver e experienciar a vida, algo que é vivido continuamente e à qual as pessoas estão expostas diariamente. É uma parte integrante da vida e das experiências cotidianas. Viver sob violência, seja como professor universitário ou como estudante colonizado, informa regularmente e sem descanso as subjetividades e as percepções sobre a vida, sobre o conhecimento e sobre a morte. De fato, a violência é uma força social que “transforma e reconfigura as subjetividades, o sofrimento e o lugar, de formas reveladoras”. Dada a complexidade deste contexto (da vida cotidiana, da violência e do colonialismo), a autoetnografia crítica e as abordagens fenomenológicas da antropologia são ferramentas e abordagens cruciais para se compreender e elaborar as experiências e percepções vividas. Na autoetnografia, as experiências vividas pelo investigador são consideradas componentes essenciais da investigação, e essas experiências estão no centro da questão, ligando o subjetivo a um domínio social mais amplo e coletivo (Salameh, 2023, p. 1-2, tradução nossa).

De modo geral, abordar as mudanças nas dinâmicas locais, principalmente a partir do início das investidas israelenses desde outubro de 2023, demandou a produção de publicações dedicadas à complexidade da vida cotidiana local de forma atualizada, condizente com os eventos em curso. O corrente cenário, assim, informa a construção de abordagens metodológicas de pesquisa que, se não são novas, demandam um tipo de adaptação bastante rápida, que responda de forma ágil ao aprofundamento de um contexto de violência que já se encontrava em curso, considerando-se também o aprofundamento das decorrências da conjuntura local, como aqui exposto – a exemplo de cautelas e precauções, que também demandaram maior atenção.

Trabalhos de campo em contextos de violência expõem o pesquisador não apenas aos eventos violentos, mas ao amplo contexto sociológico dos quais estes são componentes. Temas como a suspeição, a especulação, os afetos interpessoais, a ansiedade, a depressão, entre outros, urgem ser levados em conta, uma vez que compõem a própria confecção dos trabalhos que resultam de pesquisas *in loco*. Crises de ansiedade e momentos depressivos são parte do cotidiano, tanto para comigo quanto para com amigos e pessoas próximas, demandando autocuidado e amparo para com nossas redes de sociabilidade. A escrita etnográfica sob a pressão de um contexto de guerra (ou quaisquer outros contextos de violência) pode resultar em uma produção mais dificultosa. Isto não é dizer que locais ou temas de pesquisa em que a violência não seja um imperativo a ser considerado não produzam, igualmente, tais sensações. Entretanto, pode-se destacar que é enormemente notória a importância de uma produção científica que trate não apenas da violência mas, também, do resultado desta nos produtos de pesquisas acadêmicas – seja para tratar de denúncias sobre violações de direitos humanos e demais tópicos relacionados, seja para tratar da saúde mental e integridade física do próprio

pesquisador, com frequência colocadas em xeque nestes referidos contextos.

REFERÊNCIAS

1. ALI, Zarefa. **A Narration Without an End: Palestine and the Continuing Nakba.** Birzeit: The Ibrahim Abu-Lughod Institute of International Studies, Birzeit University, 2013.
2. AL-MALKI, Majdi. **Researching in an Unsuitable Environment: The Palestinian Case.** In: *Critical Research In The Social Sciences: A Transdisciplinary East-West Handbook.* Published by the Ibrahim Abu-Lughod Institute of International Studies. Birzeit University and the Institute for Social Anthropology Austrian Academy of Sciences. Birzeit University, 2011.
3. BIONDI, Karina. **Junto e misturado: uma etnografia do PCC.** São Paulo: Terceiro Nome, 2010.
4. FINKELSTEIN, Norman. **Image and Reality of the Israel–Palestine Conflict.** 2. ed. New York: Verso, 2003.
5. FISKE, Gavriel. Hebrew University suspends senior lecturer who called for abolishing Zionism. **Times of Israel**, [s. l.], 12 mar. 2024. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/hebrew-university-suspends-senior-lecturer-who-called-for-abolishing-zionism/>. Acesso em: 10 jun. 2024.
6. GRAHAM-HARRISON, Emma; KIERSZENBAUM, Quique. ‘Political arrest’ of Palestinian academic in Israel marks new civil liberties threat. **The Guardian**, [s. l.], 26 Apr. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2024/apr/26/political-arrest-palestinian-academic-nadera-shalhoub-kevorkian-israel-civil-liberties-threat>. Acesso em: 6 mar. 2025.
7. HOWELL, Mark. **What Did We Do To Deserve This? Palestinian Life Under Occupation in the West Bank.** Reading: Garnet Publishing, 2007.
8. ISRAEL. Coordination of Government Activities in the Territories. **Procedure for entry and residence of foreigners in the Judea and Samaria area.** Tel Aviv: Coordination of Government Activities in the Territories, Feb. 2022. Disponível em: https://hamoked.org/files/2022/1665642_eng.pdf. Acesso em: 5 mar. 2025.
9. KHALIL, Asem. The ‘Protection Gap’ and the Palestinian Refugees of the Gaza Strip. In: BIRZEIT UNIVERSITY. **Gaza – Palestine: Out of the Margins.** Edited by Mehrene Larudee. Birzeit: Ibrahim Abu-Lughod Institute of International Studies. Birzeit: Birzeit University, 2011. p. 126-135.

10. KHOURY, Jackie; KADRI-OVADIA, Shira. הדעות שהווקת ינגב הרומ רוריבל נמיז דוניחה דרשמ. הבכנה מוי תדעצב. **Haaretz**, Tel Aviv, 2024. Disponível em: <https://www.haaretz.co.il/news/education/2024-05-15/ty-article/.premium/0000018f-7b7b-d604-af8f-7f7b24c10000>. Acesso em: 10 jun. 2024.
11. MASALHA, Nur. 60 Years after the Nakba: Historical Truth, Collective Memory and Ethical Obligations. **Kyoto Bulletin of Islamic Area Studies**, Kyoto, v. 3, n. 1, p. 37-88, 2009. Disponível em: <https://research.stmarys.ac.uk/id/eprint/134/>. Acesso em: 11 mar. 2025.
12. MASALHA, Nur. **Catastrophe Remembered: Palestine, Israel and the Internal Refugees**. London: Zed Books, 2005.
13. MATTHEWS, Welson. **Confronting an empire, Constructing a nation: Arab Nationalists and Popular Politics in Mandate Palestine**. New York: I.B. Tauris, 2006.
14. OLIVEIRA, Rafael. **Al Dakhel: Cartografias como experiência: reflexões a partir de um trabalho de campo na Palestina**. 2020. Tese (Doutorado em antropologia). Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
15. OLIVEIRA, Rafael. Palestina e categorias locais: diferenças entre usos terminológicos em produções bibliográficas e categorias palestinas locais. **Diversitates International Journal**, Niterói, v. 13, n. 4, 2021. Disponível em: <https://www.diversitates.uff.br/index.php/1diversitates-uff1/article/view/416>. Acesso em: 11 mar. 2025.
16. OLIVEIRA, Rafael. **Selah al Museka: uma etnografia das práticas e produções musicais palestinas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
17. PAPPE, Ilan. **The Ethnic Cleansing of Palestine**. Oxford: Onneworld Publications, 2006.
18. PEIRANO, Mariza. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. In: PEIRANO, Mariza (org.). **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Reluma-Dumará, 2002. p. 3-12.
19. SAFTY, Adel. **Might over Right: How The Zionists Took Over Palestine**. Reading: Garnet Publishing, 2009.
20. SAID, Edward. **The Question of Palestine**. New York: Vintage Books, 1980.
21. SALAMEH, Rami. A critical Autoethnography of Teaching and Writing in Palestine. In: ARAB COUNCIL FOR THE SOCIAL SCIENCES. The World Humanities Report. Critical Humanities in the Arab Region: Trends and Futures. **Congresso [...]**. 2023. [S. l.]: CHCI, 2023.
22. SAYIGH, Rosemary. **The Palestinians: From Peasants to Revolutionaries**. London: Zed Books, 2007.

23. TELES, Barbara; OTHMAN, Helena: **Gaza**: da tempestade de Al-Aqsa ao genocídio. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 20, n. 42, p. 219-242, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/12506>. Acesso em: 11 mar. 2025.

Rafael Gustavo de Oliveira

Pesquisador visitante na Birzeit University. Doutor em antropologia pela Universidade Federal do Paraná. Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1801-7030>. E-mail: rafael_antrop@yahoo.com.br